

# Desenvolvimento local e redes de solidariedade

**Veronika Paulics**

*Jornalista e mestranda em Administração Pública e Governo, integra a equipe técnica do Instituto Pólis coordenando o projeto de Disseminação de Inovações em Gestão Local.*

*Publicado em: 16/02/2001*

Os agentes públicos, cada vez mais empenhados em processos de combate à pobreza, exclusão social e criação de alternativas de emprego e renda voltados para o desenvolvimento local, não podem mais desvincular este desenvolvimento da criação e ou fortalecimento das redes de relações locais. Resgatar e valorizar o saber local, respeitar os hábitos e as formas de organização social permitem incrementar a capacidade organizativa das comunidades e, a partir desta organização, pode-se pensar projetos e planos de desenvolvimento.

Qualquer política pública que vise o desenvolvimento não pode menosprezar estes aspectos. Se falarmos em Arte e Cultura no Desenvolvimento Local, corremos o risco de ver uma multidão de agentes públicos organizando shows, espetáculos de teatro, bibliotecas circulantes, recitais de poesia, contratando os melhores artistas brasileiros para que, em turnês pelos municípios carentes do Brasil, possam ajudar com a arte a desenvolver os lugares. E não é disso que estamos falando.

Falar em arte e cultura significa muito mais permitir que haja espaços locais para o exercício da solidariedade. E só é solidário quem se conhece minimamente, quem tem algum tipo de projeto comum. Não se desenvolve redes de relações solidárias por decreto. Estas redes são fruto de histórias em comum e formas de ver o mundo, são fruto da confiança que cresce no cotidiano de pessoas que se encontram e têm projetos conjuntos para o futuro.

Todo mundo já viveu isso: quando a luz apaga, fica um vazio no lugar da televisão. Se é de noite, é como se houvesse fantasmas de outros tempos e também eles entram na roda das histórias. Em todos os lugares há tanto por contar e há tanto tempo não se tem onde contar histórias.

Antigamente - quanto antigamente? – as histórias ajudavam a passar o tempo, ensinavam o melhor jeito de fazer as coisas, de levar a vida, de cuidar uns dos outros. E criavam-se jeitos próprios de cada lugar para resolver problemas e sonhar futuros. Nas longas conversas (e nos cafunés do final da tarde), as amizades cresciam, os namoros se desenrolavam, os projetos de plantar, construir, comprar, vender eram partilhados no cotidiano.

Hoje somos, como nos diz Ladislau Dowbor, “6 bilhões de seres humanos barulhentos e briguentos, que se comportam mais como gafanhotos num campo de trigo do que como filhos de Deus”, vivendo com notícias e modos de fazer as coisas provenientes de “fora”, de um lugar qualquer que não sabemos qual seja. TV, rádio, revistas e jornais trazem notícias de gentes e lugares que nunca vimos e nunca veremos. Falamos sobre a vida de astros e estrelas

incorpóreos mas já não temos tempo nem onde para tecer nosso futuro ou falar sobre o nosso passado. E cada lugar tem a cara de todo lugar. E todo vizinho tem a cara de qualquer vizinho. A frase dos nossos tempos é: “É melhor desconfiar”.

#### Democracia e redes de relações solidárias

Putnam, em seu estudo sobre a democracia na Itália moderna, constata que a existência de comunidades cívicas que remontam a vários séculos atrás favorece a democracia nestas mesmas regiões e também o desenvolvimento econômico. Já nas regiões onde houve, séculos atrás, um grande desenvolvimento econômico (e, inclusive, o florescimento das artes e das ciências), mas com um poder centralizado e relações hierárquicas, atualmente não há uma democracia muito consolidada nem desenvolvimento econômico.

A pergunta primeira do autor era saber por que alguns governos regionais italianos tinham bom desempenho e outros não, levando em consideração que todos haviam sido criados ao mesmo tempo e com o mesmo aporte de recursos. Ao longo de seus estudos foi percebendo que nas regiões mais democráticas havia um grande número de grupos de canto coral, clubes e associações. Já nas comunidades mais ao sul da Itália, onde os governos estavam com dificuldade de manter um desempenho democrático, a população não tinha o hábito de se reunir espontaneamente.

Remontando a passados cada vez mais distantes é que Putnam conclui que as comunidades onde houve uma rede de relações solidárias horizontais, tanto a economia quanto a democracia puderam se consolidar. Onde houve desenvolvimento econômico mas as relações eram verticais, na ausência de um poder centralizador as relações se desmantelam porque não eram relações de confiança e solidariedade mas de clientelismo.

O fortalecimento das redes de relações locais, segundo Putnam, embora não seja uma panacéia e nem se possa determinar o tempo necessário para que as mudanças aconteçam, é um fator determinante para a superação das relações clientelistas e a consolidação da democracia, decisivos para o desenvolvimento econômico de qualquer lugar.

Numa realidade como a brasileira, marcada por relações verticais e clientelistas, o desafio do processo de democratização, mais do que incorporar instituições democráticas, como eleições, garantia de direitos constitucionais, mecanismos de participação, é desenvolver e fortalecer uma cultura política tal que a democracia esteja incorporada também nos níveis micro, superando as soluções autoritárias e as relações baseadas no autoritarismo.

Também Bernardo Kliksberg, ao abordar as possibilidades de enfrentamento do déficit social da América Latina, ressalta que se o resultado das políticas que foram em geral adotadas é muito pouco, talvez isto se deva ao fato de se haver desprezado a cultura como um elemento importante para a mudança. Em geral a cultura e as relações tradicionalmente existentes nas comunidades são mais avaliados como fatores que emperram as transformações do que como possíveis fatores de alavancagem do desenvolvimento local. Ao lembrar a experiência peruana de Villa El Salvador, onde foi superada a situação de miséria a partir da implementação de práticas que os incas já usavam, como por exemplo, as lagoas de oxidação para tratamento de

resíduos e dejetos, Kliksberg ressalta alguns pontos interessantes sobre o tema cultura e desenvolvimento:

1. quando se mobiliza o capital cultural da população pobre, pode-se chegar a respostas muito criativas e sintonizadas com os problemas concretos;
2. a atividade cultural pode ajudar a promover a articulação social que leve a uma efetiva participação da população na elaboração e gestão de políticas públicas;
3. o trabalho cultural pode ajudar a fortalecer a unidade familiar, que ajuda a superar as condições adversas;
4. a ação cultural pode ajudar a melhorar a auto-estima da população;
5. a atividade cultural complementa e amplia a tarefa da escola pública;
6. a atividade cultural ajuda a prevenir o aumento da criminalidade, na medida em que fortalece laços comunitários; e,
7. a mudança cultural, no sentido de se estabelecer uma cultura democrática, permite à democracia funcionar efetivamente.

Retomando pois os estudos recentes sobre o fortalecimento de redes de relações solidárias, uma alternativa que se coloca para as políticas públicas interferirem positivamente é criar ou apoiar atividades comunitárias de arte e cultura, por exemplo, que sejam espaços de formação, de troca mas também de fortalecimento de lideranças que sejam catalisadores de processos solidários, levando a uma sociedade mais democrática.

Falar em arte, cultura e desenvolvimento local é falar, por exemplo, de programas como o Mala do Livro, do Distrito Federal, que leva o hábito da leitura para as cidades-satélite, ao mesmo tempo em que promove redes de relações solidárias entre os vizinhos que procuram os livros destas bibliotecas domiciliares. Os Agentes Comunitários da Leitura tornam-se referência no bairro e suas casas são locais de encontro não apenas para leitura, mas também para troca de informações, longas conversas e “lugares de contar as histórias” locais. O Agente Comunitário de Leitura faz o papel das mulheres que em muitas comunidades organizavam a novena reunindo as pessoas do bairro para rezar e, enquanto desfiavam seus terços, iam pensando sobre a vida, os acontecimentos, as necessidades de cada uma. Muitos destes grupos de rezar o terço foram se tornando as Comunidades Eclesiais de Base e, a partir destas Comunidades se organizaram diversos grupos de luta pela conquista de direitos básicos e também de resistência contra a ditadura militar.

#### Mala do Livro

O Programa Mala do Livro, implementado pelo Governo do Distrito Federal, busca incentivar o hábito da leitura principalmente entre crianças das cidades-satélite de Brasília. A democratização do hábito de leitura ajuda a melhorar o desempenho escolar. Ao implementar as minibibliotecas nas casas de lideranças da comunidade, que voluntariamente se colocam à disposição, o Programa também cria novos mecanismos de socialização e ação coletiva, despertando para a solidariedade e permitindo fortalecer os laços comunitários horizontais.